

**COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS ESCOLAS
REGULARES DE ENSINO.**

**ALTERNATIVE COMMUNICATION FOR STUDENTS WITH DISABILITIES IN REGULAR
SCHOOLS.**

Sarah Gabriela Gurgel Da Silva

Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Nacyra Yiburi Fernandes de Lucena

Professora do Centro Universitário São José.

RESUMO

O presente artigo fala sobre a implementação da comunicação alternativa (CA) para alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala. O objetivo geral analisa como os alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita, funcional ou na fala estão incluídos no ambiente escolar no município do Rio de Janeiro, de acordo com a CA que utilizam. Assim como são os objetivos específicos: Historiar a Comunicação Alternativa no Brasil; classificar os sistemas de comunicação alternativa; verificar o que as escolas de ensino regular sabem sobre a Comunicação Alternativa. Os estudos se fundamentam nas pesquisas bibliográficas de autores como Liliana Passerino, Patricia Quiterio, Catia Walter, Teófilo Galvão Filho, Flávia Daniela Moreira, autores que em suas obras lutam pela inclusão de alunos com deficiência para que eles possam encontrar nos ambientes escolares acessibilidade comunicativa. A metodologia abordada no artigo foi de caráter exploratório buscando entender a dificuldade de a equipe escolar implementar os sistemas de comunicação alternativa e adaptar os ambientes escolares para que a inclusão aconteça no contexto escolar; para obter essas respostas, foi realizada uma pesquisa de campo através de um formulário que foi respondido por 11 educadores de escolas do município do Rio de Janeiro. Sendo assim, foi possível obter resultados relevantes para compreender que os educadores estão dispostos a se capacitarem para atender as necessidades complexas de comunicação de seus alunos e proporcionar a eles um ambiente inclusivo e seguro. Durante a construção do artigo, foram sugeridas estratégias diferenciadas para a estruturação de um ambiente comunicativo acessível.

Palavras-chave: comunicação, escola e inclusão.

ABSTRACT

This article talks about the implementation of alternative communication (AC) for students with disabilities, with a delay in functional written language or speech. The general objective analyzes how students with disabilities, with a delay in written, functional or speaking language are included in the school environment in the city of Rio de Janeiro, according to the AC they use. As well as the specific objectives: To make history of Alternative Communication in Brazil; classify alternative communication systems; check what mainstream schools know about Alternative Communication. The studies are based on bibliographic research by authors such as Liliana Passerino, Patricia Quiterio, Catia Walter, Teófilo Galvão Filho, Flávia Daniela Moreira, authors who in their works fight for the inclusion of students with disabilities so that they can find communicative accessibility in school environments. The methodology addressed in the article was of an exploratory nature, seeking to understand the difficulty of the school team to implement alternative communication systems and adapt school environments so that inclusion takes place in the school context; to obtain these answers, a field survey was carried out using a form that was answered by 11 educators from schools in the city of Rio de Janeiro. Therefore, it was possible to obtain relevant results to understand that educators are willing to train themselves to meet the complex communication needs of their students and provide them with an inclusive and safe environment. During the construction of the article, different strategies were suggested for structuring an accessible communicative environment.

Keywords: communication, school, inclusion.

INTRODUÇÃO

A Comunicação Alternativa (CA) foi criada nos anos 50, no Brasil apareceu entre a década de 70. A CA é um conjunto de práticas, recursos e modelos com a finalidade de permitir que qualquer pessoa com deficiência (PcD), com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala possa entender os códigos de comunicação e usar os mesmos códigos em seu cotidiano. Na literatura internacional e nacional, é possível encontrarmos as expressões que se referem a CA como *Augmentative and Alternative Communication Techniques* (traduzida como Meios Alternativos e Facilitadores de Comunicação), Comunicação Alternativa ou Ampliada (CAA), Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA); Sistemas Suplementares e/ou Alternativos de Comunicação; Comunicação Aumentativa e/ou Alternativa (CAA). Neste artigo, utilizaremos a terminologia Comunicação Alternativa e sua respectiva abreviação (CA) para se referir à área.

Quando uma criança com deficiência que utiliza a Comunicação Alternativa é matriculada em uma escola regular de ensino, essa precisa sentir incluída no ambiente escolar, mas para programar a Comunicação Alternativa neste contexto é de suma importância a participação e comprometimento de todos os envolvidos no processo de aprendizagem e convívio, instituição de ensino, professores, profissionais, pais e alunos.

Sabe-se que a interação de um aluno com deficiência e um professor é fundamental no processo ensino-aprendizagem dentro e fora da sala de aula, portanto, a comunicação é a ponte para o desenvolvimento do educando e do educador, pois a inclusão acontecerá em todos os momentos.

A partir destas considerações, a pergunta norteadora deste artigo é como implementar a comunicação alternativa para alunos com deficiência não verbais nas escolas de ensino regular no Brasil.

A hipótese sugerida para implementar a comunicação alternativa para alunos com deficiência não verbais nas escolas de ensino regular no Brasil acontecerá através de orientações para cursos e capacitações com estratégias baseadas em estatísticas a todos envolvidos na instituição de ensino, profissionais terapêuticos, pais e os alunos, estimulando a participação e comprometimento para construir um ambiente mais comunicativo, promovendo uma educação acolhedora e que o aluno com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala possa se sentir mais independente e consiga transmitir seus pensamentos e emoções, permitindo a interação com compreensão.

No presente artigo, o objetivo geral proposto é analisar como os alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala estão incluídos no ambiente escolar, de acordo com a CA que utilizam. Para composição deste artigo, são objetivos específicos: historiar a Comunicação Alternativa; classificar os sistemas de Comunicação Alternativa; verificar como é a Comunicação Alternativa no contexto escolar no ensino regular.

O tema deste artigo se justifica a partir de uma mediação escolar no município do Rio de Janeiro, pois ao acompanhar uma criança autista não verbal que utiliza a Comunicação Alternativa em seu cotidiano foi observada a dificuldade de sua escola em incluí-la e a entendê-la.

O presente artigo é relevante para aproximar as escolas destes alunos com deficiência e com defasagem na linguagem escrita, funcional ou na fala para avaliar, considerar e reconhecer os potenciais, qualidades e talentos e, então, proporcionar atendimento especial e tornar todos os profissionais envolvidos em agentes transformadores de vida.

Ao investigar como as escolas de ensino do município acolhem os alunos que utilizam os variados tipos de comunicação alternativa, em virtude da realização de pesquisas será possível contribuir com estratégias e didáticas para incluir o aluno na rotina no ambiente escolar, e este sentir-se confortável para se comunicar com todos ao seu redor.

Foi utilizado o método de pesquisa exploratória com a finalidade de compreender como a comunicação alternativa é desenvolvida nas escolas de ensino regular no município do Rio de Janeiro e, então, encontrar as dificuldades e apresentar estratégias para facilitar a inclusão do aluno com deficiência a partir da metodologia no ambiente escolar.

Com o intuito de alcançar os resultados esperados, o estudo acontecerá a partir de fonte de pesquisa terciária utilizando informações das fontes primárias e secundárias por objeto empírico, através do estudo fundamentado em leitura de relatórios técnicos, livros, dissertações e artigos publicados por autores importantes que defendem a inclusão escolar. Dessa forma, os resultados da pesquisa serão apresentados de forma quali-quantitativa, pois o texto será escrito qualitativamente, portanto os conceitos e ideias destes autores permitirão uma análise científica na construção do estudo.

A finalidade é traçar um caminho para que as escolas de ensino regular possam incluir os alunos com deficiência como exemplo e aplicado junto aos objetos empíricos. Para isso, será necessário complementar o artigo com uma pesquisa documental e, certamente, entrevistas com profissionais do processo de ensino-aprendizagem e pesquisa de campo em escolas que possuem alunos com deficiência que utilizam a comunicação alternativa, ao mesmo tempo em que será fundamental relacionar a teoria com a prática de toda a pesquisa bibliográfica já feita.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica que ampara a reflexão e argumentação deste artigo é representada pelo embasamento teórico através da leitura de livros, artigos, pesquisa científica, conceitos importantes que significam a essência do tema escolhido para o artigo a partir do conhecimento adquirido durante a graduação de Pedagogia.

Os autores mencionados na fundamentação teórica defendem e acreditam em temas que serão à base de todo o artigo, sendo estes, a comunicação alternativa, a inclusão escolar e a formação de professores especializados.

Liliana Maria Passerino, graduada em Análisis Universitario de Sistemas pela Universidad Tecnológica Nacional (1987, Argentina), fez mestrado em Ciência da Computação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGCC (1992) e doutorado em Informática na Educação PPGIE/UFRGS (2005). Os seus projetos de pesquisa têm um importante papel para implementar a comunicação alternativa para alunos com deficiência não verbais, pois tem como propósito pesquisar e investigar o desenvolvimento da comunicação através de tecnologia e robótica para promoção de processos de inclusão em pessoas com Transtorno do Espectro de Autismo (TEA) no seu cotidiano.

Comunicação Alternativa: Mediação para uma inclusão social a partir do SCALA

Um dos fatores que auxiliam na produção e produtividade da comunicação é o afeto. Por sua vez, a maneira de demonstrar afeto depende da comunicação, seja esta verbal, gestual, ou por meio da expressão do olhar, mas sendo, também, socialmente construída, pois as manifestações afetivas estão ligadas aos costumes vigentes em cada comunidade, bem como seus valores e crenças. (PASSERINO, 2015, p. 151, 152).

Passerino em toda a sua escrita menciona como o processo de comunicação se relaciona com o afeto, porquanto ela significa em sua trajetória a importância de implementar a comunicação alternativa nas escolas de ensino regular não apenas no município do Rio de Janeiro, mas também em todo o Brasil, pontua-se a importância de transformar esse processo através da inclusão de todos os profissionais para se tornarem facilitadores da comunicação alternativa e tornarem os alunos independentes, não só na educação escolar, mas em todos os ambientes em que convive.

Teófilo Alves Galvão Filho, mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Teófilo Alves é especialista em Informática na Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e graduado em Engenharia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Sua atuação como consultor nas áreas de Tecnologia Assistiva, Educação Inclusiva e Políticas de Inclusão Social fundamenta o seu papel como pesquisador, buscando suprir as necessidades educacionais desse ensino que encontramos em todo o país através da tecnologia para alcançar mais alunos com deficiência no processo de ensino-aprendizagem.

O Professor e a Educação Inclusiva: FORMAÇÃO, PRÁTICAS E LUGARES.

(...) A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular implica mudanças nas atitudes e nas práticas pedagógicas dos profissionais que participam do processo pedagógico, da organização e da gestão na sala de aula e na própria escola enquanto instituição. (FILHO GALVÃO, 2012, p.248)

Segundo Galvão Filho a concepção de diferenças que ainda é vivenciada nas escolas de ensino regular está além de um diagnóstico, mas sim um fator social e uma falta de conhecimento e tecnológica, impedindo alunos com deficiência em participarem das atividades por causa da exclusão.

Patrícia Lorena Quiterio, graduada em Pedagogia pela UERJ e em Psicologia pela UNESA. Possui especialização em Psicopedagogia, Psicomotricidade, Terapia Cognitivo Comportamental e Aperfeiçoamento em Neuropsicologia. Durante sua formação apresentou interesse em educação inclusiva, comunicação alternativa, entre outros assuntos, por desenvolver projetos inclusivos, sua teoria é consolidada para trilhar um caminho para implementar a comunicação alternativa nas escolas de ensino regular no município do Rio de Janeiro.

Comunicar é preciso: Em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência

Nesta perspectiva, o aluno que não possui habilidades eficientes de comunicação oral pode ser incapaz de expressar seus sentimentos e pensamentos, prejudicando, assim, seu desenvolvimento acadêmico e social, limitando sua participação nos diferentes ambientes sociais. (QUITERIO, 2020, p. 53).

Quiterio ao presenciar as dificuldades encontradas por um aluno com deficiência em sala de aula em diferentes segmentos da educação, em virtude da realidade procurou buscar formas de promover a comunicação dos alunos sem fala articulada, se tornando facilitadora do processo de socialização dos seus alunos no cotidiano escolar.

Flavia Daniela dos Santos Moreira é graduada em Pedagogia, com habilitação em Orientação Educacional pela UFSCAR. Mestra em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Possui doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como professora do Instituto Benjamin Constant (IBC) e do Programa de Pós-graduação em Ensino na Temática da Deficiência Visual do IBC - PPGEDV/IBC, entre outros cargos na área da educação. O seu livro escolhido como fundamentação teórica para este artigo aborda a Comunicação Alternativa Tátil: Símbolos Táteis, Símbolos Texturizações e Símbolos Tangíveis.

PACT – Programa de comunicação alternativa tátil para crianças com deficiência múltipla sensorial

A comunicação envolve muitas modalidades e as pessoas se comunicam de várias maneiras. Por isso, a realidade está intrinsecamente relacionada à capacidade de perceber o mundo, se já por meio da visão, do paladar, da audição, do olfato ou do toque. Para muitos, a capacidade de se comunicar é tão comum que raramente as pessoas param para apreciar o seu valor em interagir com outras pessoas para transmitir e receber mensagens. No entanto, quando a pessoa apresenta necessidades complexas de comunicação e o uso da fala não é capaz de suprir tudo o que ela precisa expressar, pode ser útil incentivar, e até mesmo ensinar a ela, várias formas de comunicação. (MOREIRA, Flavia Daniela dos Santos, 2021, p. 77).

Moreira pontuou em todo o seu trabalho a realidade da comunicação de pessoas com necessidades complexas de comunicação e a importância desta para que ela possa se expressar suas percepções sobre o mundo. Muitas vezes as pessoas a voltam não percebem a dificuldade de quem possui déficit de linguagem e a comunicação comprometida, isto é, a comunicação alternativa ao ser incluída possibilitará para que estes possam se comunicar e alcançar o seu direito de maneira digna, e a solicitar, recusar, engajar, socialmente, obter informações sobre o mundo ao seu redor, buscar ajuda e ter certo controle sobre as interações.

Catia Crivelenti de Figueiredo Walter possui graduação em Fonoaudiologia pela USC, em Bauru (1985), possui mestrado e doutorado em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela UFSCar-PPGEEs (2000 e 2006). Pós-doutorado em Educação – projeto em Comunicação em Comunicação Alternativa (PROPED-UERJ). Atua como professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Sua experiência profissional é na área de fonoaudiologia clínica e Educação Especial, com ênfase em formação acadêmica, docência, destacando-se nos seguintes temas: desenvolvimento e avaliação de linguagem, educação especial, Transtorno do Espectro Autista, pessoas com deficiência intelectual, paralisia cerebral, distúrbios de linguagem, técnicas de ensino especializado, PECS-adaptado, comunicação alternativa e capacitação de familiares e de professores do ensino regular e especial.

Muito frequentemente encontramos professores utilizando figuras ou fotos representativas de atividades acadêmicas ou de vida diária como indicativo de ordenação de rotinas, e não como forma de expressão, deixando, assim, de valorizar o potencial interativo e expressivo do aluno com TEA. (WALTER, C. C. de F., 2017, p. 312)

A autora em seu capítulo refere-se à inclusão escolar de alunos TEA e os diferentes papéis que o professor deve assumir ao ter um aluno com necessidades complexas de comunicação e a dificuldade em conciliar com a rotina escolar. O professor tem um papel central no processo de ensino-aprendizagem e este necessita ter uma formação continuada como um processo de adição de novos conhecimentos que ampliam o seu desempenho dentro da sala de aula, pois ele é o responsável pela mudança de atitude e pensamento dos alunos. Como a autora descreve os alunos com autismo precisam de adaptações curriculares que vão além das atividades descritas na Base Comum Curricular Nacional (BNCC), alunos autistas não verbais para se comunicarem não podem ficar presos em rotinas, estes precisam se expressar e a comunicação alternativa possui símbolos para tornar o conteúdo acessível ao aluno a partir de uma avaliação interdisciplinar.

A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

A Comunicação Alternativa e Aumentativa é uma intervenção utilizada com o objetivo de organizar um vocabulário suficiente pra atender as necessidades de comunicação dos indivíduos que estão aprendendo a se comunicar por símbolos em qualquer momento. Este objetivo estimula aos que convivem com pessoas com necessidades presentes de comunicação a proporcionarem oportunidades para estimular o desenvolvimento da comunicação eficiente e socialmente valorizada no futuro para que esse indivíduo se comunique com suas próprias intenções.

COMUNICAÇÃO

O conceito de comunicação vem do latim *communicatio*, que significa tornar comum, e *communis* do latim, significa compartilhar. O ato de se comunicar é a ação de transmitir outra mensagem e receber a mensagem do outro sujeito, ou seja, a pessoa expressa uma mensagem para o outro e em alguns momentos ela oferecerá uma resposta, mas para que aconteça o recebimento é necessário haver uma compreensão. Portanto, a comunicação vai além da fala, pois você quer enviar uma mensagem e esta mensagem pode ir além da fala, pode ser por formas alternativas.

Assim, habilidades de comunicação são fundamentais no desenvolvimento da interação social, além de outros elementos, como relação de reciprocidade entre os participantes, existência de contexto cultural comum e uso de instrumentos e signos que permitam sustentar a construção e o compartilhamento intersubjetivo de significados (PASSERINO, 2005).

A comunicação é uma necessidade básica entre os homens, ou seja, a comunicação é a ação de transmitir uma mensagem e receber a mensagem do outro sujeito. Faz-se necessário interpretar que a comunicação vai além da fala, pois aquele que não fala, ainda pode se comunicar através de recursos verbais e não verbais, como, por exemplo, utilizando expressões faciais e gestos. Nessa perspectiva, evidentemente a comunicação é fundamental para a sobrevivência, isto é, a criança desde o seu nascimento já se comunica utilizando o choro para expressar-se, um simples sorriso, o apontar do dedo, um olhar direcionado a algo, entre outros.

A comunicação é considerada o processo social primário, porque é a essência da vida humana. Portanto, o ser humano apresenta capacidades biológicas que permitem a produção de linguagem gestual e verbais, e ambas envolvem processos de percepção e compreensão. A partir destes processos adquiridos, o indivíduo desenvolve a capacidade para a linguagem gestual e verbal, sendo possível à própria vida em sociedade. Ao ser inserido na sociedade, esta passa a se relacionar com o outro, isto é, comunicação preside e rege a construção de vínculos.

No caso da pessoa sem fala articulada, os componentes não-verbais como o olhar, o sorriso, os gestos manuais e as expressões faciais constituem as modalidades comunicativas por excelência. Contudo, a falta de comunicação oral dificulta os relacionamentos interpessoais e, com isto, o próprio desenvolvimento das habilidades sociais. (QUITERIO, 2020, p. 53).

Pessoas com deficiência auditiva podem se comunicar usando as mãos e o corpo, em outras palavras, todas as formas de comunicação são válidas para alcançar aqueles que estão lutando com o desenvolvimento da fala. Isto é, a comunicação é um direito humano e todos tem algo a comunicar. Aqueles que não conseguem se comunicar verbalmente pode recorrer ao auxílio de outra comunicação.

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

A Comunicação Alternativa e Aumentativa aparece na sociedade como um instrumento que possibilita a uma pessoa a atender com maior desempenho às suas necessidades reais de comunicação em seu contexto cotidiano, isto é, um meio para proporcionar a acessibilidade comunicativa a pessoas com necessidades complexas de comunicação.

Pouco se sabe ao certo quando e onde surgiu a CA, mas de acordo com estudos e pesquisas é difícil realizar uma revisão histórica e detalhada da Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA), pois não existem registros formalizados das práticas iniciais, sendo que a maioria dos estudos foi realizada de maneira informal e infelizmente sem registros. Estudos relatam que, por volta de 1940, pais de crianças com paralisia cerebral fundaram a New York State cerebral Palsy Association. Em seguida, no pós-guerra entre 1942 e 1965, Charles K. Bliss (Sidney, Austrália) criou o Sistema de Símbolos Bliss. O objetivo de seu autor foi criar símbolos para usar com contexto para comunicação, utilizando figuras sociais, de pessoas, de verbos, descritivas e combinação de cores.

No Brasil, no ano de 1978, iniciou-se a utilização da comunicação Alternativa e/ou Ampliada pela Associação Quero-Quero de Reabilitação Motora e Educação Especial. Na década de 1980, pesquisas sobre a Comunicação Alternativa se desenvolveram principalmente nos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália. Em 1981, Roxana Mayer Johnson (nos EUA) criou o Sistema Pictográfico de Comunicação. A partir deste momento, a discussão sobre a CA tornou-se presente entre a sociedade e esta passou a ser questionada e pesquisada em estudos científicos.

Atualmente, a comunicação alternativa e/ou ampliada e/ou aumentativa refere-se a ferramentas e estratégias que pode completar a falar ou promover um meio de comunicação diferente. A CA pode ser apoiada, isto é, com o uso de uma ferramenta, ou não apoiada, ou seja, sem ferramentas. À medida que este artigo foi escrito, foram lidos inúmeros artigos, pesquisas e teses publicadas que abordam a Comunicação Alternativa em diferentes contextos, mas pouco foi encontrado sobre a prática e a realidade no contexto escolar.

Efetivamente, a CA é a acessibilidade para a comunicação e esta é um direito. A comunicação alternativa é uma tecnologia assistiva feita para eliminar barreiras. Em outras palavras, é perceptível a falta de conhecimento nas escolas e em outros espaços sobre o assunto, muitas vezes confunde-se com demanda terapêutica clínica, e não como um recurso de acessibilidade como uma cadeira de rodas ou um aparelho auditivo. Quando o usuário desses recursos leva-os para a escola, este fica dentro de sua mochila ou não é utilizado corretamente por falta de informação e entendimento, impedindo que a pessoa com necessidades complexas de comunicação use seu sistema e crie vínculos com parceiros de comunicação. Com o objetivo de defender esse direito é necessário compreender como ele é assegurado na legislação. Em suma, a Comunicação é um direito assegurado na Convenção Universal dos Direitos Humanos. Toda pessoa tem o direito de se comunicar, de se expressar, de se dar a explorar e participar do ambiente à sua volta.

A Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, da qual o Brasil é signatário, ou seja, é responsável por assinar o documento final, também garante esse direito. A CA é citada claramente como forma de comunicação, que deve ser garantida em todo e qualquer contexto.

A Convenção refere-se à CA como forma de garantir o exercício do direito à comunicação plena, isto é, expressar livremente sua opinião, decidir coisas a seu respeito e a compartilhar informações e ideias. Dessa forma, para que o usuário possa exercer esse direito, ele precisa ter à sua disposição um sistema robusto de comunicação alternativa e aumentativa e/ou suplementar. Na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), é novamente descrito o direito à comunicação, bem como a tecnologia assistiva e adaptações necessárias. A garantia à comunicação pertence à pessoa com necessidades complexas de comunicação e através de seu sistema de CA dispostos, ela será capaz de exercer sua cidadania. E é considerada como discriminação, crime, se retirado e proibido o uso desse direito. Portanto, a Lei garante o uso do recurso como todo o mecanismo para seu uso eficaz, como treinamento e profissional de apoio. Todavia, a lei é pouco praticada no contexto escolar no Brasil e hoje já existem projetos de equipes multidisciplinares para acelerar a inclusão de pessoas com deficiência, e as estruturas escolares estão entre as primeiras e principais que precisam se adaptar para que todos possam ter a oportunidade de se expressar e ter uma voz.

A importância da linguagem oral pode ser avaliada quando se constata que ela é elemento crítico não só para a aquisição de habilidades básicas, como leitura, escrita, matemática, mas para o desenvolvimento de habilidades de promoção da comunicação e de relacionamento interpessoal. (QUITERIO, 2020, p. 168)

A princípio é essencial que seja refletido que as diferenças não servem para fins de comparações, mas para que cada pessoa tenha o apoio e suporte para que possa se desenvolver. Segundo Rodrigues destacou pelo Instituto Itard (2019), não há pré-requisitos cognitivos ou qualquer restrição para que uma pessoa possa usar CA, pois desde o nascimento esta pessoa é inserida em um contexto de comunicação, isto é, está imersa em um rico ambiente de linguagem falada. Portanto, para incluir uma pessoa com deficiência e/ou pessoa com defasagem na linguagem escrita ou na fala é fundamental no ambiente escolar é importante que exista parceiros de comunicação na escola em que esta pessoa está inserida, pois um bom parceiro usará a CA respeitando e respondendo a todas as formas de comunicação. Bem como, o parceiro de comunicação será responsável por modelar em um sistema de CA aquilo que está sendo expresso e muitas vezes foram ignoradas. A formação deste parceiro é responsabilidade de todos, entretanto as instituições escolares e as organizações governamentais são responsáveis por oferecer aos seus associados à formação continuada de CA.

Assim, a posição do indivíduo com deficiência se dá através da sua relação com os outros e consigo mesmo, e baseia-se, segundo a Teoria do Posicionamento, na tríade posição, força social da ação e linha de história. (PASSERINO, PEREIRA, 2014, p. 835)

OS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

A Comunicação Alternativa e Aumentativa constitui-se como um sistema integrado por quatro componentes: símbolos, recursos, técnicas e estratégias, bem como aplicativos, pranchas ou imagens em cartões. No entanto, para ajudar no desenvolvimento da linguagem e da comunicação de alunos no ensino regular é necessário a existência de

um ambiente adaptado para o usuário de CA para que este tenha a oportunidade de estar imerso em um contexto que utiliza a linguagem suplementar, proporcionando um maior equilíbrio de aprendizado entre os modos de comunicação.

Entende-se que a comunicação pode ser apoiada ou não, ou seja, a comunicação apoiada refere-se ao uso de pranchas com símbolos ou sistemas computadorizados. Já a comunicação não apoiada engloba apenas o corpo do indivíduo, sendo estes movimentos simples como piscar os olhos e o direcionar da cabeça. Os diferentes comportamentos de comunicação de pessoas com necessidades complexas de comunicação influenciam nas estratégias e recursos que serão utilizados para implementar uma alternativa para que a criança possa assimilar espontaneamente e seus esforços sejam reconhecidos. Uma equipe multidisciplinar composta pela equipe escolar, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos e psicólogos são responsáveis pela avaliação da criança para que possa ser escolhido um recurso que considere as características e as habilidades do usuário para orientar o processo de implementação.

De fato, uma equipe multidisciplinar com formação especializada em CA é indispensável para uma implementação alcançar os resultados esperados, mas esta é uma realidade distante para aqueles que vivem no Brasil, uma vez que nem mesmo existe uma terminologia que defina a área da comunicação alternativa. Os profissionais da educação que buscam por conhecimento na área são aqueles que encontram alunos com deficiência e/ou pessoa com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala. Inserir a CA requer que seja estabelecido um contexto real de comunicação, a valorização do sistema e a construção de uma relação sólida baseada em confiança.

Com o intuito de imergir em linguagem assistida e conexão autêntica, é necessário que as pessoas a volta dos iniciantes na CA sejam postas a intervenção e a vivenciar esta possibilidade alternativa de se comunicarem, pois todos aqueles apresentam mais interesse e motivação quando estão realizando aquilo que se desejam. Logo, todos os comunicadores aprendem a se comunicar sobre o que querem antes que consigam se comunicar sobre aquilo que os outros querem. Portanto, quanto mais cedo uma criança começa a intervenção, menor é o atraso e, as estratégias propiciam um ambiente para comunicação ser mais eficiente e a ajudar a pessoa a se comunicar melhor.

A comunicação envolve muitas modalidades e as pessoas se comunicam de várias maneiras. Por isso, a realidade está intrinsecamente relacionada à capacidade de perceber o mundo, seja por meio da visão, do paladar, da audição, do olfato ou do toque. (MOREIRA, 2020, p. 70)

Hodiernamente, os sistemas robustos de comunicação são utilizados como principais métodos na área de CA para pessoas com necessidades complexas de comunicação, pois um sistema robusto de CA possibilita a progressão do desenvolvimento por ser compatível com estratégias de implementação e estimulação de linguagem auxiliada por símbolos e, é preciso que o aluno possua um vocabulário essencial como indica o conceito “core words”. Core word são as palavras essenciais e flexíveis, isto significa que a mesma palavra pode ser usada de diversas maneiras. Além disso, estudos mostram que cerca de 80% do que as pessoas verbais dizem todos os dias pode ser expresso por aproximadamente 250 para 350 palavras, ou seja, 80% do nosso vocabulário é essencial constituído por palavras que

possibilitam a flexibilidade de uso e personalização do sistema de comunicação alternativa para suprir as necessidades do usuário. Para a seleção deste vocabulário é fundamental incluir familiares, colegas, equipe educacional, terapeutas e o próprio usuário.

Na literatura encontramos algumas abordagens sobre comunicação alternativa, são sistemas robustos de alta e baixa tecnologia, estes são objetos ou equipamentos utilizados para transmitir as mensagens por pessoas com necessidades complexas de comunicação. Os mais conhecidos no Brasil são: o Sistema de Símbolos Bliss (BLISS, 1965; HEHNER, 1980 apud NUNES et al, 1998), Picture Exchange Communication System (PECS) (WALTER p. 756-854., 2017), Pragmatic Organisation Dynamic Display (PODD) e outras abordagens visuais de apoio à comunicação.

O Sistema de Símbolos Bliss surgiu a partir do sentimento de Charles Bliss durante a 2ª Guerra Mundial quando, estava refugiado na China e sentiu que os nativos tinham dificuldade em compreender a linguagem e sua variedade linguística. Logo Bliss, motivado em criar uma língua universal a fim de derrubar barreiras culturais, criou um sistema alternativo de comunicação para alcançar as incompreensões linguísticas a partir da utilização de símbolos baseados no significado do que nos sons, o sistema Bliss. O Bliss foi o primeiro sistema implementado na comunicação alternativa e aumentativa por ser usado para pessoas não oralizadas, mas com capacidades cognitivas e visuais. O sistema Bliss é composto por uma tabela de 100 símbolos pictográficos básicos, e para pessoas com o cognitivo preservado podem se comunicar utilizando tabelas com 150 a 400 símbolos. Os símbolos pictográficos representam a necessidade do usuário e seus conceitos comunicativos. Tal sistema pode ser encontrado em baixa tecnologia sendo adaptado a tabelas em superfícies de madeira ou até mesmo cartolina, e ser encontrado em alta tecnologia com um vocabulário diversificado e amplo. O Blissymbolics é uma abordagem que facilmente pode ser encontrado nas escolas por ser acessivelmente encontrado na internet os símbolos.

No caso dos sistemas de comunicação alternativa, podemos encontrar em salas de aula o uso de símbolos pictográficos Picture Communication Symbols – PCS (Mayer-Johnson, 2011), ARASAAC2, imagens públicas disponíveis na internet, desenhos, letras e, ainda, os gestos naturais e idiossincráticos. (WALTER, C. C. de F., 2017, p. 313)

O Picture Exchange Communication System (PECS), é uma metodologia estruturada de Comunicação Alternativa desenvolvido nos Estados Unidos em 1985 por Andy Bondy, PhD, e Lori Frost, MS, CCC-SLP, com o intuito de ser implementado em alunos de nível pré-escolar diagnosticados com autismo, decorrente do bom desempenho, o PECS foi aplicado em alunos de diversas faixas etárias que possuem necessidades complexas de comunicação, sejam estas cognitivas, físicas e sociais. Esta metodologia propõe um protocolo de ensino em seis fases baseado na intervenção da abordagem da Análise Comportamental Aplicada (ABA) e no referencial de desenvolvimento da linguagem de B. F. Skinner (Comportamento Verbal). O recurso utilizado no PECS propõe a ensinar comunicação funcional através de cartões de comunicação plastificados e fixados por velcro e acessados diretamente pelo usuário, direcionando as funções comunicativas a pedidos e escolhas. Tal método é muito visto em ambientes escolares nos anos iniciais como padrão de rotina e adaptação de novos alunos.

Uma versão desse sistema proposta no Brasil, com modificações em sua forma de instrução, nas fases do programa e nas formas de registro, foi denominada de PECS-Adaptado (Walter, 2000). As adaptações propostas basearam-se na metodologia do Currículo Funcional Natural (Leblanc, 1991). (WALTER, C. C. de F., 2017, p. 314)

O Pragmatic Organisation Dynamic Display (PODD), em português Pranchas Dinâmicas com Organização Pragmática, é uma metodologia de ensino flexível criada por Gayle Porter no Centro de Educação em Paralisia Cerebral (CPEC) em Melbourne, na Austrália. Porter criou o método PODD em sua comunidade aplicando em 100 famílias, este método é uma ferramenta de comunicação alternativa que organiza flexivelmente o vocabulário em pranchas por livro ou dispositivo de alta tecnologia através de símbolos encontrados em biblioteca virtual, letras, sílabas, palavras, frases ou números. As pranchas de comunicação são utilizadas para possibilitar a interação em várias atividades, pois permitirá a expressão de funções comunicativas para dizer algo. O PODD refere-se a um tipo de livro de comunicação multinível, este permanece com o usuário e o vocabulário acessível nos ambientes em que ele frequentar, permitindo-o a se comunicar usando sua prancha de comunicação em variados assuntos, favorecendo a acessibilidade e autonomia comunicativa. Para que os usuários do PODD se comuniquem pela prancha, é importante que na implementação da CA, o parceiro de comunicação modele em situações naturais, ou seja, verbalizar e apontar o símbolo na prancha de comunicação, mesmo que a criança não esteja olhando, a modelagem consiste na ambientação do método. Porém, dependendo da condição motora da criança, o parceiro pode apontar, ou ele mesmo olhar e apontar. Porquanto, o sistema de comunicação necessita estar presente com o usuário em todos os momentos e ambientes para que todas as funções comunicativas sejam valorizadas. As pranchas podem ser temáticas a partir dos objetivos ou tema escolares, cartões para serem distribuídos como crachás e disponíveis para os alunos ao todo tempo, entre outras adaptações que podem ser confeccionados no ambiente escolar a contar com as necessidades do aluno com necessidades complexas de comunicação e da turma em si.

Com o propósito de proporcionar representatividade para as crianças com necessidades complexas de comunicação e para atrair atenção à comunicação alternativa, a fonoaudióloga Alessandra Buosi e seu filho Luigi, publicaram o livro “Kiaro e suas palavras”. O enredo aborda a história do papagaio Kiaro que assim como outros papagaios, ele gosta de brincar com os amigos, passear de árvore em árvore e uma das suas atividades preferidas é ir à escola. Kiaro ao ouvir os amigos contando suas histórias sente vontade contar suas histórias, mas não consegue falar com o seu próprio bico. O objetivo do livro é que as crianças se sintam se representadas, ao contar essa história em sala de aula os professores conseguirão de formar lúdica explicar para os alunos o porquê daquele amigo não se comunicar como os outros e precisar de símbolos ou uma alternativa de comunicação, assim incentivando todos a buscarem uma comunicação com a criança com ausência de fala.

Esses programas têm promovido ganhos significativos no desenvolvimento das habilidades sociocomunicativas destes indivíduos, além da redução de comportamentos indesejáveis, geralmente presentes mediante as dificuldades expressivas. (WALTER, C. C. de F., 2020, p. 132)

Em baixa tecnologia, encontramos diversas possibilidades de técnicas e recursos para adaptar no cotidiano com materiais básicos e os concretos, disponíveis no ambiente, geralmente personalizados de acordo com as necessidades de cada usuário de comunicação. Contudo as técnicas e estratégias para abordar a CA surgem a partir da modelagem planejada ou espontânea, em contextos naturais em que o aluno vive e no educacional. Na implementação de um sistema em baixa tecnologia é fundamental que ele esteja presente em todos os lugares que o aluno frequente em sua comunidade.

Além disso, existem os recursos de alta tecnologia e os acessos alternativos que são métodos para acessar as abordagens de comunicação de acordo com as necessidades visuais, auditivas e motoras de cada aluno oferecendo muitos benefícios a eles. Através dos recursos de alta tecnologia, como nos dispositivos de softwares, tablets, computadores, rastreadores oculares, entre outros, é possível proporcionar aqueles com mobilidade reduzida, autonomia em sua comunicação. Os processos para implementação dos métodos alternativos e de alta tecnologia dependem de um parceiro capacitado para que os sistemas sejam capazes de facilitar a acessibilidade para a comunicação e reduzir a dependência do comunicador e de seu parceiro. Portanto, a CA de alta tecnologia não, necessariamente, melhor que a de baixa tecnologia, para determinar esta sentença é necessário uma implementação e imersão corretas.

As grandes e mais importantes barreiras estão, muitas vezes, na falta de conhecimentos, de recursos tecnológicos, no desrespeito a legislação vigente, na forma como a sociedade está organizada de forma a ignorar as diferentes demandas de sua população. (GALVÃO FILHO, 2012, p. 247)

A FORMAÇÃO DE PARCEIROS DE COMUNICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Dessa forma, a capacitação na área da educação em Comunicação Alternativa é essencial para formar os parceiros a fim de proporcionar ao aluno uma experiência em se comunicar em todos os ambientes em que convive, tornando o ambiente propício para o aprendizado, pois estudos comprovam que a partir da modelagem em todos os contextos o usuário terá uma imersão de qualidade e permitirá que ele se expresse a ponto de conquistar sua liberdade comunicativa, principalmente na escola no qual é o lugar em que a criança desenvolve suas habilidades sociais, aprende a seguir instruções e rotinas, além de alcançar habilidades escolares básicas. Capacitar os educadores e os profissionais da escola é o primeiro passo para combater o fracasso e a desistência do usuário em usar o sistema de CA, porque este aluno se sentirá compreendido por ter todos os seus comportamentos comunicativos validados e atribuído a significados para que a inclusão realmente aconteça.

Portanto, o sucesso do trabalho do professor, seja ele da escola regular ou especial, que atua com esses alunos não falantes depende da ação integrada e complementar de diversas áreas de conhecimento, com objetivos instrumentais distintos, unidas em torno de um objetivo último comum, que é a satisfação das necessidades desse aluno com deficiência. Por isso, a relevância do acesso ao conhecimento desses recursos e a constituição dessas equipes que dentre outras funções promovem a formação continuada do professor. (WALTER, C. C. de F., 2020, p. 31)

Na escola encontramos muitas oportunidades de comunicação, ou seja, a aprendizagem precisa acontecer a partir do que o aluno se interessa e é importante validar todas as formas dele se expressar. O professor e toda equipe escolar possuem uma estrutura que conta com avaliações, PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) conhecido como PEI (Plano Educacional Individualizado) em alguns contextos, plano de aula e as adaptações necessárias para o entendimento do aluno e estas ferramentas possibilitam a construir um planejamento adaptado para prover equidade de oportunidades para o indivíduo com necessidade complexas de comunicação. Para ser professor atualmente é necessário ter uma formação continuada e possuir atribuições como identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade estratégias, pois ao entrar em sala de aula para lecionar o professor encontrará uma diversidade de vivências.

Ao passo que os profissionais da educação são capacitados e se tornam parceiros de comunicação eficientes, estes conseguiram transmitir conhecimentos para os outros alunos, concedendo a toda a turma conscientização e a habilidade de socialização, a inclusão em si, pois para os alunos entenderem que um ou mais alunos não se comunicam por palavras, e sim, por símbolos até mesmo por um dispositivo eletrônico é necessário uma imersão com a finalidade de promover a inclusão e o respeito das necessidades de cada aluno. Em virtude de uma implementação com sucesso, será possível promover trocas de comunicação em todos os ambientes com todos aqueles que convivem com as necessidades complexas de comunicação.

É importante destacar que nem todos os aspectos da comunicação podem ser substituídos quando a CAA é utilizada. O próprio ato de comunicar algo a alguém deve ser considerado o elemento crítico, independentemente do procedimento ou técnica utilizada, pois comunicar é uma ação existencial e vital na relação humana. (WALTER, C. C. de F., 2020, p. 144)

Posto que a capacitação seja o primeiro passo para formar parceiros de comunicação eficientes e prover um ambiente escolar com funções comunicativas e seguro para que todos se comuniquem independente de necessidades complexas, será necessário adequar como essa capacitação ocorrerá em práxis no contexto escolar, visto que é um processo de busca profissional e da unidade escolar, ou seja, é necessário compreender que a busca pelos direitos no Brasil ainda está no início, mas o objetivo deste artigo é conscientizar a equipe para ouvir aquele aluno valorizando sua forma de se comunicar. Ao conscientizar a escola e sua equipe a busca orientações para cursos e capacitações com estratégias baseadas em estatísticas, alcançaremos a estimulação, a participação e comprometimento para construir

um ambiente mais comunicativo, promovendo uma educação acolhedora e que o aluno com deficiência esteja sintase incluído.

PESQUISA DE CAMPO: COMO A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA ACONTECE NAS ESCOLAS REGULARES DE ENSINO?

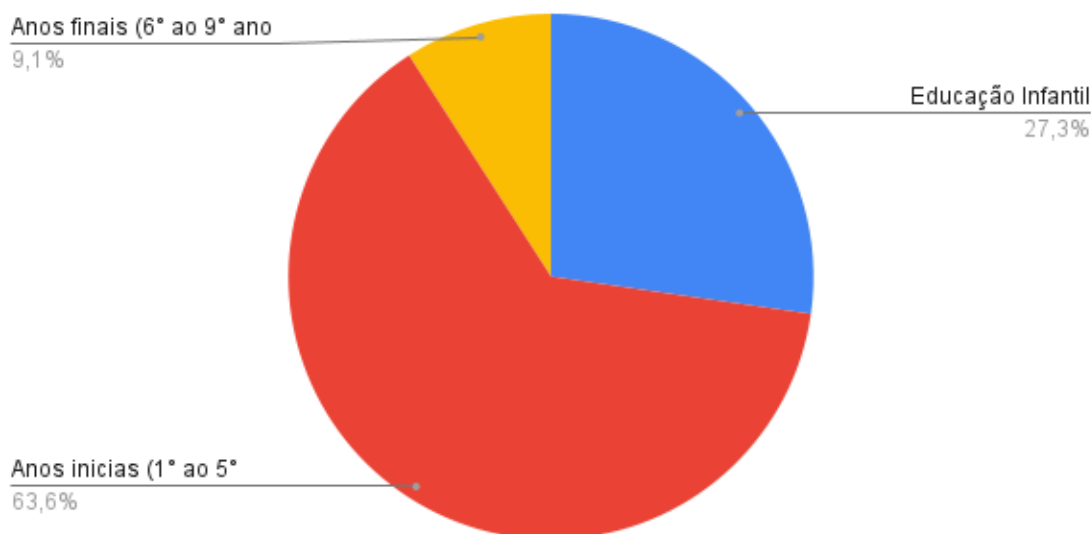
A partir de uma pesquisa de campo exploratória coletamos dados para investigar como as escolas de ensino do município do Rio de Janeiro acolhem os alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala, em virtude da realização desta pesquisa será possível contribuir com estratégias para inclusão do aluno na rotina no ambiente escolar, e este sentir-se confortável para se comunicar com todos ao seu redor.

A pesquisa de campo foi realizada com 11 professores do município do Rio de Janeiro, atuantes como docentes da Educação Infantil aos Anos Finais, através de um formulário na plataforma Google. Os professores foram convidados a responderem nove perguntas sobre inclusão e comunicação alternativa em formatos diferentes, sendo estas múltiplas escolhas, resposta curta e longa.

As perguntas do formulário se basearam em uma sequência para compreender como é o ambiente escolar em que os entrevistados lecionam, quais são suas necessidades e dificuldades para se comunicarem com alunos com necessidades complexas de comunicação. Em gráficos, serão retratadas as respostas das perguntas múltiplas escolhas e abaixo um resumo das perguntas com respostas curtas e longas.

Gráfico 1

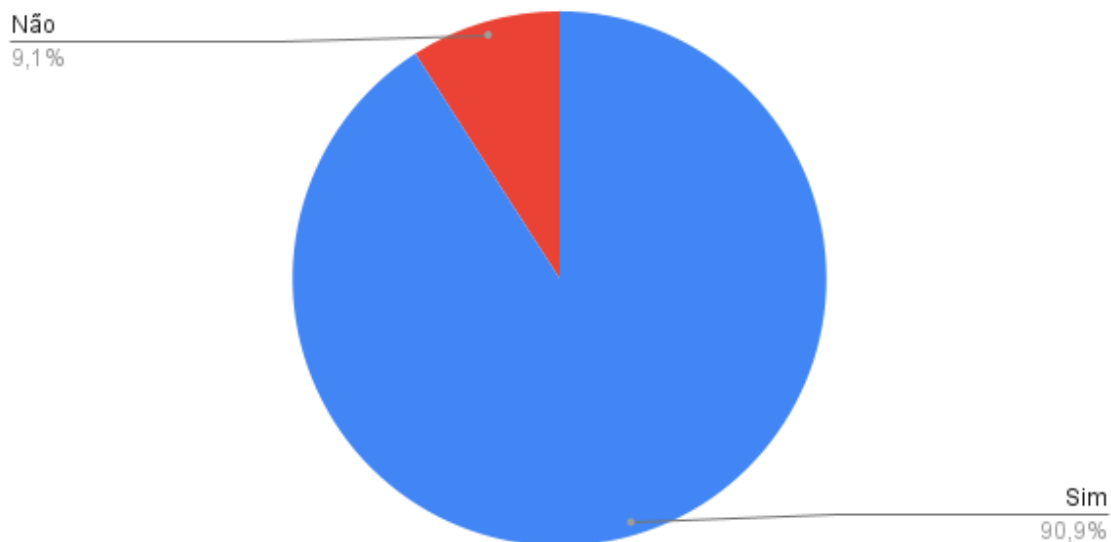
Você atua como profissional da educação em qual nível escolar?



O Gráfico 1 apresenta que os professores convidados atuam em sua maioria nos Anos Iniciais do 1° ao 5° ano do Ensino Fundamental I, em seguida 27,3% atuam na Educação Infantil e 9,1% nos Anos Finais do 5° ao 9° ano do Ensino Fundamental II.

Gráfico 2

Atualmente, você possui alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala em sua



O segundo gráfico relata a realidade de muitas escolas do município do Rio de Janeiro, em grande maioria encontraremos nas salas de aula alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala.

A análise dos primeiros dois gráficos enfatiza que existem muitos alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala matriculados na Educação Infantil e nos Anos Iniciais. Nos gráficos a seguir, observaremos como os professores se comunicam com estes alunos, quais suas necessidades e déficits.

Gráfico 3

Você já encontrou alguma dificuldade no ambiente escolar para se comunicar com o seu aluno por não ter uma comunicação

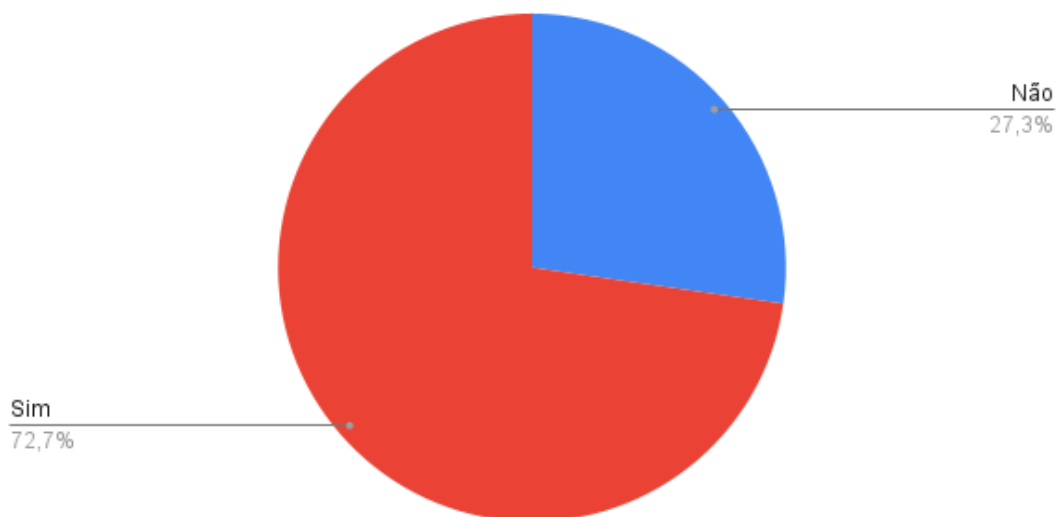
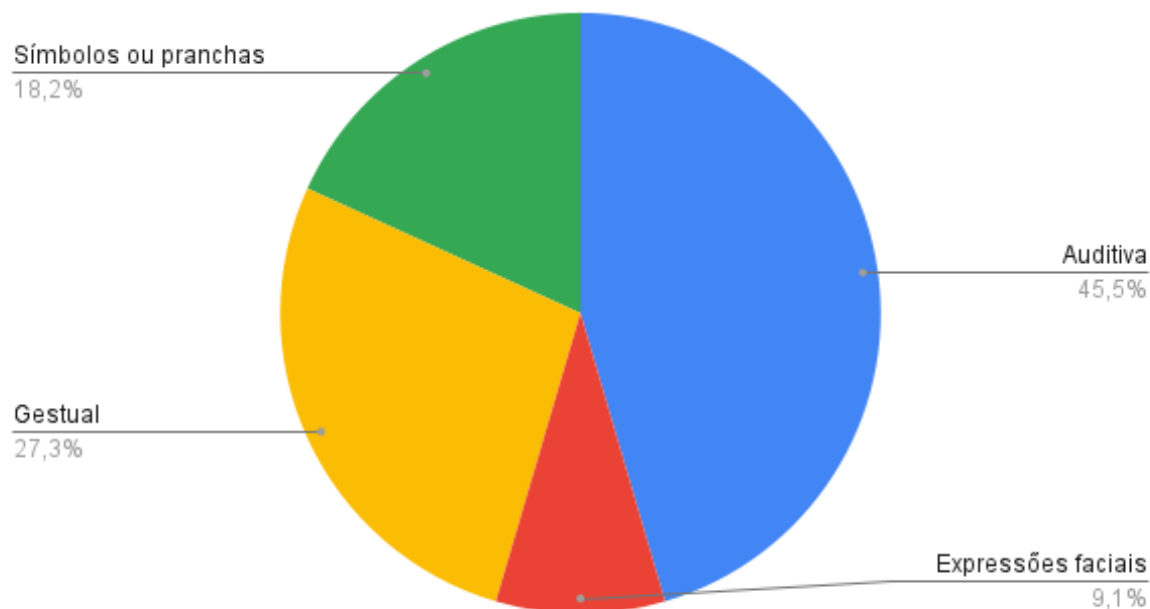


Gráfico 4

Ao observar os gráficos 3 e 4, é possível verificar como ocorre a defasagem no ambiente escolar, pois os professores

Qual tipo de comunicação você utiliza com esses alunos?

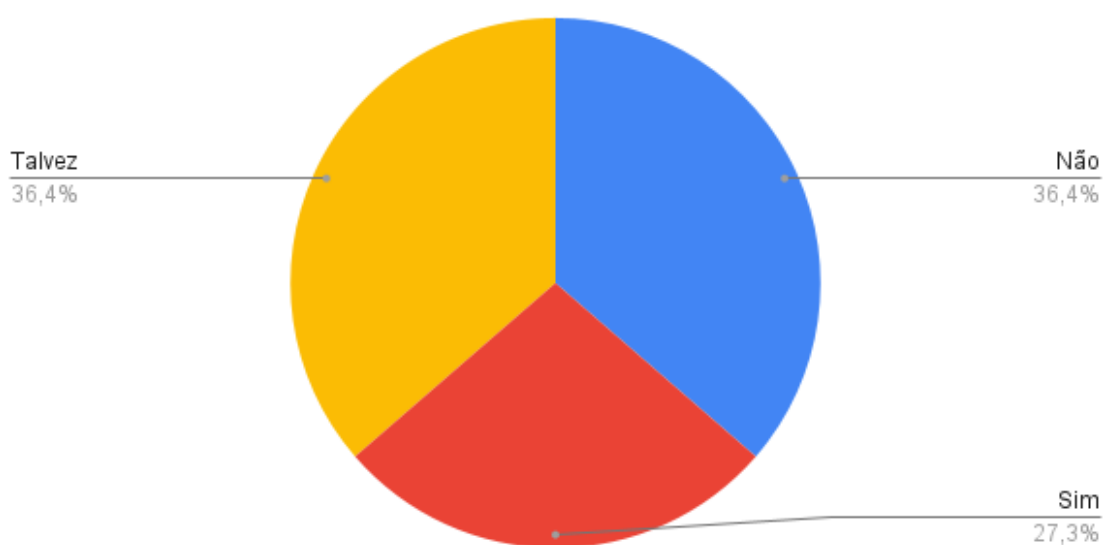


não são treinados para compreender o seu aluno com necessidades complexas de comunicação e o aluno não é compreendido pelo professor, sentindo-se desmotivado ao frequentar a escola. Ao não ter uma comunicação

estabelecida corretamente, o aluno sofrerá perdas em seu desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico, assim como o processo ensino-aprendizagem também será afetado. Entretanto, os professores entrevistados utilizam alternativas para se comunicarem com os alunos, porém encontram dificuldade por não terem muita técnica e sentem receio em errarem e prejudicando os seus alunos. Nas perguntas curtas e longas, os profissionais em conjunto afirmaram que todas as escolas deveriam oferecer cursos para capacitarem a equipe, pois a instituição seria beneficiada por estar mais preparada para atender a todos os públicos respeitando sua neuro diversidade.

Gráfico 4

A escola em que leciona é um ambiente inclusivo para pessoas com necessidades complexas de comunicação?



De acordo com a pesquisa de campo e com o último gráfico apresentado, comprovamos que ainda existem escolas que não proporcionam um ambiente inclusivo para pessoas com necessidades de comunicação, mesmo que a Legislação Brasileira garante que toda criança tem direito à educação (art. 205 e 208, III da Constituição Federal) e que todo aluno com deficiência tem direito ao Plano Educacional Especializado (PEI) elaborado pela escola, apresentado aos responsáveis, servindo como respaldo ao planejamento curricular (inciso VII do art. 28 da Lei Brasileira de Inclusão – Lei no 13.146/2015), assim como a escola deverá adaptar os materiais e as avaliações para as necessidades específicas do estudante, com base no PEI (inciso III do art. 28 da Lei Brasileira de Inclusão – Lei no 13.146/2015). A comunicação alternativa é uma das formas de respeitar e garantir o direito não só da fala, mas sim que esta criança é respeitada e é capaz de dizer o que pensa e o que deseja para todos em qualquer lugar, principalmente no contexto escolar, pois a comunicação escolar exercerá um importante papel para conquistar novos conhecimentos e objetivos a fim de proporcionar uma evolução no desenvolvimento social e pedagógico. Ao sentir que é compreendido, o aluno com NCC se sentirá confiante em exercer o seu dever como cidadão, assim como cobrar os seus direitos não apenas no ambiente escolar.

A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR REGULAR DE ENSINO

Uma escola inclusiva é sonho de todas as famílias com filhos com deficiência, sejam eles verbais ou não verbais, pois muitas já vivenciaram o sentimento de exclusão pelas escolas regulares de ensino. Ao matricular o seu filho com necessidade complexa de comunicação em uma escola de ensino regular, a família se preocupa em como seu filho será recebido no ambiente escolar, se será compreendido por aqueles que conviverão grande parte do dia, se ele se socializará com outras crianças, entre outras preocupações.

“A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular implica mudanças nas atitudes e nas práticas pedagógicas dos profissionais que participam do processo pedagógico, da organização e da gestão na sala de aula e na própria escola enquanto instituição.” (GALVÃO FILHO, 2012, p. 249)

Uma criança com deficiência encontrará com desafios em sua rotina escolar e, com isso, cabe à escola ter total estrutura para receber esse aluno, que precisará de suporte durante o período em que está inserido nesse ambiente. É importante que não apenas os professores também estejam aptos a receber esse aluno. A escola é o ambiente que ajudará a criança a melhorar suas habilidades sociais, ajudará a seguir instruções e rotinas, além de alcançar habilidades básicas. Portanto, é imprescindível que todas as escolas de ensino regular recebam capacitação sobre educação inclusiva, pois se faz necessário que toda a equipe escolar possua acesso a conhecimentos sobre metodologias, estratégias, recursos e práticas pedagógicas para acolherem os alunos com deficiência, pois a escola como ambiente formador deve exercer a sua função em proporcionar boas experiências para os alunos, educadores e equipe escolar em geral.

A Comunicação Alternativa retratada neste artigo refere-se ao atendimento a todas as deficiências, como alunos com diagnóstico de paralisia cerebral, transtorno do espectro autista (TEA) e síndromes raras, visto que as adaptações comunicativas sendo estes recursos visuais ou táteis auxiliam no desenvolvimento linguístico, assim como o desenvolvimento na aquisição de conhecimentos pedagógicos, culturais, social, pois o objetivo educacional, familiar e terapêutico é contribuir para que a criança com deficiência seja estimulado corretamente ele poderá compreender o mundo em que convive. Portanto, o ambiente educacional é primordial para o desenvolvimento da comunicação relacionando aos processos de ensino e aprendizagem, pois a partir da didática o educador avaliará a realidade de sua sala de aula, proporcionará momentos para que o seu aluno compreenda o seu papel como cidadão.

Ao início do ano letivo escolar é necessário que aconteça uma avaliação para coleta de dados para ter uma análise dos déficits de desenvolvimento motor desenvolvimento da linguagem e de hábitos, a partir do processo de ensino-aprendizagem, o educador com base na avaliação e coleta de dados estabelecerá uma função comunicativa para que seja introduzido uma comunicação alternativa. Assim sendo, o professor reunido à equipe pedagógica, identificará quando houver um aluno com necessidades complexas de comunicação, compreenderá o aluno e a partir da

capacitação adquirida compreenderá qual o sistema será utilizado para determinar o que será mais funcional, verificando aspectos relacionados a iniciativas comunicativas, o uso funcional da linguagem, a disponibilidade, planejamento, habilidades, estratégias de ensino, entre outros aspectos.

Após avaliação, o professor traçará um caminho para a escolha de qual será o melhor recurso a ser utilizado para evoluir com os seus alunos, pois será perceptível que crianças e adolescentes com necessidades de CA apresentam níveis de competência linguística diferente entre outros, entretanto se o aluno já possuir sua comunicação alternativa estabelecida com sua família e/ou no ambiente clínico e terapêutico. O processo de avaliação e de implementação do sistema, evidenciará as habilidades existentes no aluno assim como presumir potencial e competência de uso. Ao presumir o potencial e a competência de o uso, o parceiro de comunicação aproveitará as oportunidades de comunicação, bem como aproveitar as possibilidades do contexto, superando expectativas do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é imprescindível respeitar a forma de comunicação escolhida pela pessoa, e caso seja necessária uma adaptação maior para ambos envolvidos, o processo também será respeitado.

As adaptações no ambiente escolar vão além da sala de aula, o aluno precisa se sentir incluído e ouvido desde o portão de entrada até nos banheiros, que socialize com todos os funcionários e sua comunicação alternativa esteja sempre disponível, visto que o intuito é concretizar a real participação do aluno e a sua aprendizagem eficaz no ambiente da escola regular. Enquanto esse aluno estiver na escola se sentirá seguro em relação a organização do espaço-temporal e a implementação do sistema consolide as atividades destinadas ao atendimento especializado.

As diversas pesquisas feitas durante o processo de construção deste presente artigo, indicam que os sistemas de CA contribuem para que o indivíduo entenda o seu processo de estruturação de linguagem, ou seja, o uso funcional da linguagem aumentará as possibilidades de comunicação através de conversas e da valorização de todas as iniciativas de comunicação, sejam estas ao apontar na prancha de comunicação, ao apontar imagens que estejam disponíveis no ambiente, ao direcionar ao parceiro de comunicação ao que quer dizer, pois ao criar oportunidades para comunicação e garantir que esteja disponível será possível desenvolver hábitos para apoiar a comunicação autônoma do aluno. Os recursos de comunicação estão relacionados ao aumento das habilidades de aprendizagem assistemática (social) e sistemática (escolar), ao proporcionar um ambiente acessível o resultado ocorrerá com maiores oportunidades de interação e desenvolvimento.

Um dos fatores que auxiliam na produção e produtividade da comunicação é o afeto. Por sua vez, a maneira de demonstrar afeto depende da comunicação, seja esta verbal, gestual, ou por meio da expressão do olhar, mas sendo, também, socialmente construída, pois as manifestações afetivas estão ligadas aos costumes vigentes em cada comunidade, bem como seus valores e crenças. (PASSERINO, 2015, p. 151, 152).

Para ser um bom parceiro de comunicação, é importante que todos os cuidadores do indivíduo tenham algum vínculo estabelecido para um olhar sensibilizado e fazer que ele se sinta seguro para recorrer ao suporte que encontrará

naqueles que o cercam. Construir uma relação sólida requer confiança, ao demonstrar que é alguém em quem se pode confiar com o tempo. Logo, a modelagem acontecerá em uma conversa com o usuário utilizando o sistema de CA, ao responder às tentativas de comunicação, ao respeitar e responder a todas as formas de comunicação dando significado a elas, priorizando sua forma alternativa de comunicação, ou seja, reconhecer que cada iniciativa tem um motivo, uma razão para ter sido realizada, pois a função comunicativa realizada pelo parceiro de comunicação interfira no momento em que a situação comunicativa se desenvolverá, dar significado é valorizar todas as formas de comunicação. Em suma, respeitar a comunicação multimodal é reconhecer o que está sendo expresso em todas as formas de comunicação, inclusive, os movimentos, o olhar os gestos e não apenas as mensagens geradas em um sistema de CA.

A interação é fundamental na implementação e em uma escola inclusiva, muitas famílias atípicas buscam por empatia e respeito para os seus filhos, desejam que eles encontrem o sentimento de afeto ao decorrer do convívio. Nos ambientes escolares, encontramos o afeto em muitas situações, principalmente entre as crianças. Assim sendo, as crianças se preocupam em incluir todos os amigos por instinto e por afetividade a eles, mas ao encontrar uma criança que não se comunica como as outras, é necessário ser mediador do processo de socialização, conscientizando com afeto que aquela criança com necessidades complexas se comunica através de símbolos e têm muito a dizer a eles. A importância de conscientizar os alunos da turma é primordial, visto que no ano letivo escolar seguinte possivelmente ocorrerá a troca de professor, mas os alunos acompanharão aquela criança e a capacitação de parceiros de comunicação acontecerá de forma natural e adaptada sem sobrecarregar nenhum dos envolvidos, nem mesmo a família.

Pensando que a comunicação alternativa já está inserida no plano de desenvolvimento do aluno, a comunidade escolar capacitada como bons parceiros de comunicação, é importante que todo o conhecimento adquirido seja posto em prática em projetos para adaptação visual dos ambientes, assim a acessibilidade à comunicação será indissociável em todos os lugares. Ao estabelecer um contexto real de comunicação na escola, será possível alcançar o sucesso na comunicação e que o aluno seja compreendido reduzindo a pressão para falar e aumentar a confiança comunicativa da criança e isto apoiará o desenvolvimento da fala, pois alcançaremos a meta de darmos a esta criança uma forma de se comunicar. Estimular que os profissionais pensem fora da caixa para desenvolver estratégias para chegar ao objetivo de uma inclusão, assim é possível compreender que a comunicação começa com o acesso. A CA é todas as formas que usamos para transmitir ou receber uma mensagem, portanto todas as estratégias pensadas com esse objetivo serão validadas na implementação do sistema.

As palavras essenciais são aquelas que estão presentes na nossa fala o tempo todo, ou seja, quanto mais símbolos expostos no ambiente escolar, mais oportunidades para o educador modelar e incentivar a comunicação do usuário de CA. Oportunizar a aprendizagem ativa e autônoma contribuirá para que ocorra a verdadeira inclusão escolar, ou seja, o plano de intervenção acontecerá a partir no ensino estruturado ao buscar diminuir a ocorrência de problemas de comportamento, com a promoção da organização interna. O ensino estruturado facilitará o trabalho diário a partir do apoio visual e organização física, viabilizando ganhos na comunicação através de um trabalho integrado.

Para alcançar o sucesso da implementação da Comunicação Alternativa nas unidades de ensino regular é necessário garantir que o exercício do direito à comunicação plena está sendo exercido corretamente, ao verificar se o aluno expressa livremente sua opinião, se decide coisas ao seu respeito, compartilha informações e ideias, ou seja, se o aluno tem a sua disposição o seu sistema robusto de CA, assim exercendo sua cidadania de forma plena. O sistema robusto de comunicação alternativa para uma pessoa com necessidade complexa de comunicação é o mesmo que para uma pessoa com deficiência ter o direito de utilizar sua cadeira de rodas ou aparelho auditivo, é acessibilidade.

A luta pela acessibilidade comunicativa ainda está no início, mas os professores e a equipe escolar desempenham um papel importante no ensino da língua e no incentivo à comunicação. Durante um dia escolar, convivem muitas horas com uma criança em um ambiente rico para o aprendizado da comunicação, conhecimentos e habilidades. Por isso, eles são os principais parceiros de comunicação fora do ambiente familiar, ou seja, são os principais parceiros da luta pela acessibilidade comunicativa para formar cidadãos com vozes autônomas, capazes de dizerem o que quiserem dizer, para quem eles quiserem dizer, quando quiserem dizer e se escolherem dizer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo pretendeu entender como uma criança com deficiência matriculada em uma escola regular de ensino que utiliza a Comunicação Alternativa se sente incluída no ambiente escolar, pois a partir de vivências do acompanhamento de uma mediação escolar no município do Rio de Janeiro de uma criança autista não verbal que utiliza a Comunicação Alternativa em seu cotidiano foi percebido a dificuldade de sua escola em incluí-la e a entendê-la, a partir de pesquisa exploratória com a finalidade de compreender como a comunicação alternativa é desenvolvida nas escolas de ensino regular no município do Rio de Janeiro, foi encontrado as dificuldades e apresentado estratégias para facilitar a inclusão do aluno com deficiência a partir da metodologia no ambiente escolar, sendo essas a capacitação da equipe escolar, o incentivo a formação continuada e a adaptação dos ambientes escolares proporcionando ao aluno a autonomia na comunicação e acessibilidade à comunicação, assim como hábitos para que a comunicação aconteça em qualquer momento e em qualquer lugar.

Para se atingir uma compreensão de como os alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala são incluídos no ambiente escolar, de acordo com a CA que utilizam, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro foi historiar a Comunicação Alternativa, verificou-se que a CA é um instrumento que possibilita a uma pessoa a atender com maior desempenho às suas necessidades reais de comunicação em seu contexto cotidiano, isto é, um meio para proporcionar a acessibilidade comunicativa a pessoas com necessidades complexas de comunicação. Depois, ao classificar os sistemas de comunicação alternativa. A análise permitiu concluir que para integrar os sistemas de comunicação no ambiente escolar será necessário adaptar os ambientes para que o usuário de CA tenha a oportunidade de estar imerso em um contexto que utiliza a linguagem suplementar, proporcionando um

maior equilíbrio de aprendizado entre os modos de comunicação, pois as crianças se desenvolvem através da proximidade com o sistema. Assim como, a importância de capacitar os parceiros de comunicação do ambiente escolar, ou seja, capacitar desde o porteiro a equipe de limpeza do ambiente escolar. O último objetivo reflete como ocorre a Comunicação Alternativa no contexto escolar no ensino regular através de uma pesquisa de campo foi possível coletar dados para investigar como acontece o acolhimento de alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala, em virtude da realização desta pesquisa se propôs contribuições com estratégias para inclusão do aluno na rotina no ambiente escolar, e dar voz e autonomia na comunicação para que este aluno transmita sua mensagem e seja capaz de se comunicar com suas próprias intenções.

A hipótese proposta neste artigo em promover uma formação continuada e conscientizada para a equipe escolar prover uma educação acolhedora para os alunos com deficiência, com defasagem na linguagem escrita funcional ou na fala foi confirmada pela pesquisa de campo, visto que os educadores participantes demonstram interesse em aprender através de orientações e cursos, logo se sentirão mais capacitados para atender as necessidades dos seus alunos com atraso na fala, assim proporcionando que os alunos consigam transmitir seus pensamentos e emoções, permitindo a interação com compreensão.

A comunicação é multimodal e existem diferentes formas de comunicação para dar a voz aqueles com poucas restrições sobre o que pode dizer e ao conviver em um ambiente que todos compreendem a sua forma de comunicação e estejam dispostos e sejam capazes de apoiar a sua comunicação alternativa. A escola é o ambiente em que a criança passa maior parte do seu dia, sendo fundamental e com grande potencial de promover oportunidades de aprendizagem e hábitos para a comunicação, pois se a equipe escolar não estiver capacitada, perderemos muitas oportunidades de aprendizagem de incluir o aluno com necessidades complexas de comunicação, correndo o risco de reforçar hábitos inadequados, criar contextos de muita frustração, interações sociais, entre outros sentimentos. Portanto, quando a equipe escolar é capacitada para oferecer o suporte necessário para que essas habilidades se desenvolvam, assim o aluno será capaz de expressar sua mensagem sempre que quiser, pois cada voz é importante e todos têm o direito de se comunicarem se sentindo incluídos na comunidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Operacionais da educação especial para o atendimento educacional especializado na educação básica. Brasília: DF, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008.

GALVÃO FILHO, Téofoilo Alves; MIRANDA, Theresinha Guimarães. O professor e a educação inclusiva: FORMAÇÃO, PRÁTICAS E LUGARES. Salvador: EDUFBA, 2012.

INSTITUO ITARD. Comunicação Alternativa: sim ou não?. Disponível em: <https://institutoitard.com.br/comunicacao-alternativa-sim-ou-nao/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

MOREIRA, F. D. d. S; PACT: Programa de comunicação alternativa tátil para crianças com deficiência múltipla sensorial. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2021. p. 1-256.

PASSERINO, L. M.; BEZ, M. R. Sobre comunicação e linguagem. In: Comunicação alternativa: mediação para uma inclusão social a partir do SCALA [recurso eletrônico]. Lílana Maria Passerino, Maria Rosangela Bez (Org.). Passo fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

QUITERIO, Patricia Lorena... [et al.] (org.). Comunicar é preciso: Em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência. Marília: ABPEE, 2020.

WALTER, C. C. de F. PECS-Adaptado na sala de Atendimento Educacional Especializado. In: Leila Nunes; Carolina Schirmer. (Org.). Salas abertas: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas em Comunicação Alternativa e Ampliada nas Salas de Recursos Multifuncionais. 1aed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, v. 1, p. 756-854.